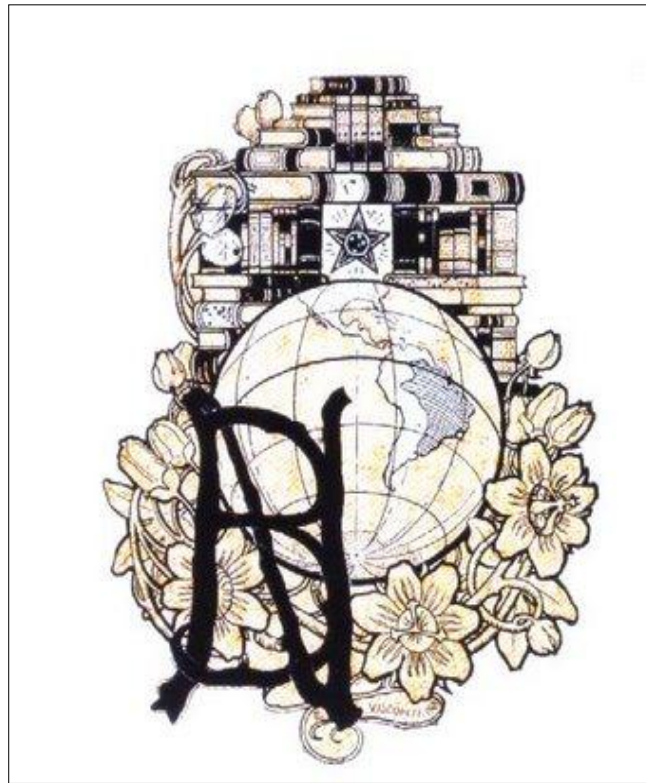


# Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

2012

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



Julia Galli O'Donnell

Narrativas (sub)urbanas: representações dos  
subúrbios na imprensa carioca  
(1890-1930)

2012

**Resumo:** Com base na relativa invisibilidade da zona suburbana carioca nos mais variados campos de produção de conhecimento ao longo das últimas décadas, este artigo desenvolve uma reflexão acerca das representações dos ditos “bairros suburbanos” veiculadas pela imprensa carioca na primeira década do século XX. Para tal, o foco recai sobre a série “Vida suburbana”, publicada na *Revista da Semana* em 1909. A intenção é, assim, a de analisar o processo de progressiva associação daquela parcela da cidade a um repertório majoritariamente pejorativo, em meio aos muitos estilos de vida e culturas urbanas envolvidos nas experiências que ali tomavam curso no referido período.

\*\*\*

Em maio de 1908, o poeta Olavo Bilac, no espaço nobre da crônica dominical da *Gazeta de Notícias*, chamava a atenção dos leitores para aquilo que definia como uma novidade do tempo: a vitalidade recente da vida dos subúrbios. “Já agora é preciso contar com os subúrbios na vida do Rio de Janeiro”, explicava o cronista, chamando a atenção para o fato de que “a cidade já não acaba em S. Cristóvão. Mato Grosso existe!”:

“Até pouco tempo, quando se dizia de um homem: ‘reside nos subúrbios’, era como se se dissesse: ‘vive no Acre’. Os subúrbios eram, para os moradores da cidade, uma região inóspita e selvagem, de desterro e castigo. Quando se falava de uma família, outrora rica, e de repente caída em miséria, havia sempre esta frase: ‘os fulanos? Estão agora morando nos subúrbios: - o que equivalia a dizer: ‘morreram! Estão enterrados! Deus lhe fale na alma! Mas os subúrbios cansaram-se dessa fama desmoralizadora, e deram para brilhar, e estão quase metendo Botafogo e Laranjeiras em um par de chinelos. Já têm teatros, clubs, bibliotecas, salões de baile, parques, corsos, batalhas de flores, meias-quaresmas, concursos de beleza, jornais, ‘binóculos’, e todo o aparelho complicado e vistoso de uma existência ‘smart’”<sup>1</sup>.

Ainda que permeada pelo preconceito, a surpresa de Bilac partia, como atesta seu depoimento, do reconhecimento da agitada vida social que marcava então os bairros dos subúrbios cariocas. De fato, nos primeiros anos do século o Rio de Janeiro assistia à proliferação de clubes dançantes, esportivos, carnavalescos e dramáticos pelos bairros suburbanos, num movimento iniciado anos antes na região central da cidade<sup>2</sup>. Ao reproduzir em localidades distantes as opções de lazer e sociabilidade que costumavam caracterizar a

---

<sup>1</sup> *Gazeta de Notícias*, 17 de maio de 1908.

<sup>2</sup> Cf. Luciana Penna Franca, “Teatro Amador: a cena carioca muito além dos arrabaldes”, Dissertação de Mestrado em História, UFF, Niterói 2011; Leonardo Pereira, “The Flower of the Union: Leisure, Race, and Social Identity in Bangu, Rio de Janeiro (1904-1933)”. *Journal of Social History*, 2012; e Leonardo Pereira, “Nos arrabaldes do esporte”, *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

região central, os moradores dos subúrbios constituíam uma civilização que Bilac via como “quase” tão valorosa quanto a daqueles bairros habitados pelas classes mais abastadas da cidade. Configurava-se assim, a seu ver, a tentativa de copiar, em seus locais de moradia, a distinção associada à distante zona central da cidade. De seu ponto de vista, o valor desta novidade estaria justamente na semelhança: ao espelhar, mesmo que de forma precária, instituições que eram no centro os marcos principais da modernidade, os suburbanos adentravam ao mapa da civilização.

Ainda que breves, as considerações de Bilac nos deixam entrever questões que vão muito além do mero diagnóstico do lazer nos bairros suburbanos. O desdém e o entusiasmo do autor, bem como a passagem de um ao outro, são pistas preciosas sobre o processo de construção material e simbólica daquela região da cidade. Para compreendermos então as categorias e experiências contidas no texto de Bilac é preciso que retomemos, mesmo que sucintamente, o processo dentro do qual ele ganha sentido.

## **1. Nos trilhos dos subúrbios**

Surgidos ao longo dos ramais da Estrada de Ferro D. Pedro II, atual Central do Brasil, o desenvolvimento dos subúrbios acompanhou sua história. Inaugurada em 1858<sup>3</sup> com as estações Central, Engenho Novo, Cascadura, Moxabamba e Queimados, a Estrada de Ferro se desenvolveu nas décadas seguintes rumo às mais importantes áreas rurais brasileiras, em especial aquelas do Vale do Paraíba cafeeiro - que se beneficiaria da novidade para o escoamento de sua produção<sup>4</sup>. Por este motivo, as estações de parada do trem eram marcadas, de início, pelos ritmos e características da vida rural.

Se de início o impacto da ferrovia não chegou a mudar a feição rural das regiões suburbanas, a partir dos primeiros anos da década de 1870, quando se iniciou o transporte de passageiros ligando as freguesias rurais ao centro da cidade<sup>5</sup>, verificou-se um crescente adensamento urbano de uma vasta região que ia do centro a Cascadura, fazendo com que a ferrovia passasse a representar um importante marco no então incipiente processo de urbanização da cidade. A chegada da ferrovia, bem como a construção de estações no

---

<sup>3</sup> O primeiro trecho ligava o Campo de Santana (no município da Corte) à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicu (atual Queimados). Ainda em 1858 foram inauguradas as estações de Engenho Novo e Cascadura.

<sup>4</sup> V.A. de Paula Pessoa, *Guia da Estrada de Ferro Central do Brasil*, 1º. volume, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902.

<sup>5</sup> LINS, Antonio José P. S. “Ferrovia e segregação espacial no subúrbio: Quintino Bocaiúva, Rio de Janeiro”. In: OLIVEIRA, Márcio P. FERNANDES, Nelson da N. (orgs) *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj/EdUFF, 2010. p. 150.

último quartel do século XIX, marcou o início de um processo de “ocupação tipicamente urbana”<sup>6</sup> daquela paisagem majoritariamente rural, num movimento patrocinado por fazendeiros que loteavam suas terras, abrindo ruas e atraindo novos moradores<sup>7</sup>.

Por “novos moradores” respondiam integrantes das classes trabalhadoras e camadas médias urbanas que seguiam as linhas férreas em busca de moradia, deixando definitivamente para trás os tempos em que aqueles arrabaldes povoavam o imaginário urbano do carioca como referência direta ao mundo rural. Eram funcionários públicos, trabalhadores especializados, militares, profissionais liberais e pequenos comerciantes que, expulsos da região central por não poderem arcar com os custos da habitação nos bairros nobres, não viam nos cortiços e favelas que se adensavam opções aceitáveis de habitação<sup>8</sup>. Dispostos a manter os símbolos de distinção que os diferenciava das chamadas “classes perigosas”,<sup>9</sup> preferiam se afastar da tumultuada vida do centro para desfrutar de melhores condições de habitação.

Como resultado, se em 1823 eram comuns anúncios como o publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em que se procurava “uma chácara nos subúrbios desta Cidade, que tenha boa casa de vivenda, cocheira, com água dentro de beber, e capim para 4 animais diariamente”,<sup>10</sup> a imprensa do final do século XIX revelava uma realidade bastante diversa. Outrora associado ao bucolismo da vida rural, o termo “subúrbio” passava a ser utilizado como um sinônimo de áreas urbanas distantes do centro, como explicita um anúncio que, em 1892, estampava a busca por uma “casa em subúrbio (...) para pequena família, do Engenho Novo até Cascadura”, que estivesse a “cinco ou dez minutos do trem ou *bond*”<sup>11</sup>. Sem tardar, novas linhas de “trens dos subúrbios” eram criadas pelas companhias de trem para atender a esta demanda crescente<sup>12</sup>.

Em 1920, Lima Barreto dava seu testemunho sobre aquele processo, afirmando que

“Os nossos arrabaldes e subúrbios são uma desolação. As casas de gente abastada têm, quando muito, um jardinzito liliputiano de polegada e meia; e as de gente pobre não têm coisa alguma. Antigamente, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim. Os ricos gostavam

---

<sup>6</sup> Cf. Joaquim Justino Moura dos Santos. *De freguesias rurais a subúrbio: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em História Social, USP, 1996, p. 17-8.

<sup>7</sup> Segundo Maurício Abreu (1987:15), “esses novos eixos de transporte viabilizaram a conversão de uso de antigas zonas rurais, resultando daí um processo febril de retalhamento de terras, que permitiu o deslocamento para os subúrbios, de parcela considerável da força de trabalho”.

<sup>8</sup> MENDONÇA, Leandro Climaco. *Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920*. Dissertação de Mestrado. Niterói: PPGH-UFF, 2011, p. 28.

<sup>9</sup> Cf. Sidney Chalhoub, *Cidade Febril. Cortiços e epidemias na Corte Imperial*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

<sup>10</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, 5 de março de 1823.

<sup>11</sup> *Jornal do Commercio*, 26 de novembro de 1892.

<sup>12</sup> Cf. “Estrada de Ferro Central do Brasil – Criação de Dous Trens de Suburbios”, *Jornal do Commercio*, 11 de janeiro de 1890.

de possuir vastas chácaras, povoadas de laranjeiras, de mangueiras soberbas, de jaqueiras, dessa esquisita fruta-pão que não vejo e não sei há quantos anos não a como assada e untada de manteiga. Onde estão os jasmineiros das cercas? Onde estão aqueles extensos tapumes de maricas que se tornam de algodão que mais é neve, em pleno estio? Os subúrbios e arredores do Rio guardam dessas belas coisas roceiras, destroços como recordações”.<sup>13</sup>

A crônica reforça uma leitura sobre os bairros suburbanos inscrita no tempo, na qual o passado surge como a lembrança remota da pujança daquela região. Mais que à decadência propriamente dita, contudo, o trecho chama atenção por aludir a esse suposto passado de perfil rural e aristocrático, em que os subúrbios emergiam como referência de um regime de urbanidade marcado pelo bucolismo.

De fato, a população dos bairros suburbanos cresceu de forma intensa a partir da década de 1890, especialmente com a chegada de trabalhadores em busca de alternativas à crise de habitação que se configurava na região central da cidade. Entre 1890 e 1906, a zona urbana da cidade cresceu 100%, frente a 46% da zona urbana (Miyasaka, 2011:44).

A ilusão de ligação fácil com a região central da cidade pela ferrovia logo foi substituída, no entanto, pela vivência das carências decorrentes do isolamento e da falta de estrutura urbana de tais regiões. Apesar da proximidade com a Estrada de Ferro, o transporte de passageiros com a região central da cidade era precário. Bairros como Bangu contavam com apenas um trem chegando a cada dia, pela manhã, e partindo no período da tarde (Gerson, 2000). À medida que se intensificava a ocupação destas áreas, passavam a aparecer de forma mais constante nas grandes folhas do Rio de Janeiro reclamações de seus moradores sobre as dificuldades cotidianas que experimentavam pela ausência de condições básicas de urbanização.

É o que acontecia, em janeiro de 1893, com os moradores do Engenho de Dentro, que pelas páginas do *Jornal do Commercio* cobravam “a atenção das autoridades municipais” para “uma vala que ali existe” na qual costumavam fazer “seus despejos” os operários das oficinas da Estrada de Ferro – o que fazia com que dela exalasse “dia e noite emanações as mais insuportáveis e entontecedoras”, às quais os missivistas ligavam a morte de “mais de cem pessoas” do bairro no ano anterior<sup>14</sup>. Tornando-se corriqueiras nos anos seguintes, queixas como estas mostravam que, de área marcada pelo sossego da vida rural, a região suburbana se tornara, a partir dos últimos anos do século XIX, o território da privação e do abandono.

Os subúrbios se prestariam, sem demora, ao antagonismo simbólico com áreas ascendentes da cidade. Atuando como contraponto negativo numa dinâmica que estabelecia,

---

<sup>13</sup> Barreto, Lima. *Toda Crônica*. p. 129.

<sup>14</sup> *Jornal do Commercio*, 20 de janeiro de 1893.

por critérios morais e civilizatórios, uma divisão da cidade entre um “aqui” (praiano, aristocrático) e um “lá” (suburbano, caótico), os bairros que se perfilavam junto à via férrea viravam objeto de “desmantelamento e esquecimento”, enquanto os nos “bairros de gente rica” (especialmente “a gente abastada de Copacabana, Ipanema e Leme”) se prodigalizavam investimentos da Prefeitura.<sup>15</sup>

Já na década de 1920, o jornal *Beira-Mar*, de Copacabana, valia-se da abrangência de tal representação para queixar-se dos ruídos excessivos que os *chauffeurs* levavam ao bairro: “Ora, nem no Engenho de Dentro permite-se tanta liberdade na via pública! (...) Já nos bastam os estragos da feira de quarta que transforma o coração do bairro aristocrático em subúrbio da Leopoldina”<sup>16</sup>. Recorrentemente referido como o avesso da modernidade pretendida, os subúrbios passavam a figurar como *lócus* da não-urbanidade, numa representação progressivamente reforçada pela efetiva concentração de investimentos estatais na região central e, posteriormente, na zona sul da cidade.

Uma rápida incursão pela imprensa dos distritos suburbanos do período revela, contudo, a insuficiência daquela imagem. Em meio a queixas e reivindicações de ordem prática, pequenas folhas de circulação local faziam do mote suburbano um orgulhoso elo identitário, articulando práticas e visões de mundo locais nas qual a “*des-urbanidade*” era apenas uma dentre as tantas possibilidades discursivas.

Crescentemente habitados por trabalhadores das camadas médias urbanas, os subúrbios passavam a ser objeto de construção de uma imagem moralizada e distinta, como atesta o testemunho dado em 1921 por Lima Barreto - um morador dos subúrbios que estava longe de compartilhar o entusiasmo de Bilac pelo repertório da modernidade:

“Quando há quase vinte anos, fui morar nos subúrbios, o trem me irritava. A presunção, o pedantismo, a arrogância e o desdém em que olhavam as minhas roupas desfiadas e verdoengas, sacudiam-me os nervos, e davam-me ânimos de revolta. Hoje, porém, não me causa senão riso a importância dos magnatas suburbanos. Esses burocratas faustosos, esses escrivães, esses doutores de secretaria, sei bem como são títeres de politicões e politiquinhos. Porque é no trem que se observa melhor a importância desta gente toda. Eles estão na sua atmosfera própria, que os realça desmedidamente. Chegam na Rua do Ouvidor, desaparecem. São uns fantoches”<sup>17</sup>.

Evidencia-se, na crônica, o sentido da reprodução dos padrões de sociabilidade do centro testemunhados em 1908 por Bilac. Era como forma de projeção social que apareciam, nos subúrbios, tais práticas – que se aproveitavam da imagem moderna e

---

<sup>15</sup> *A Notícia*, 4 de dezembro de 1926.

<sup>16</sup> *Beira-Mar*, 11 de novembro de 1923.

<sup>17</sup> *Gazeta de Notícias*, 20 de dezembro de 1921.

elegante a elas associadas nas regiões centrais para afirmar, nos arrabaldes distantes, as marcas de projeção das elites locais. Impossibilitados de aproveitar as oportunidades da vida na região central, fosse pelos poucos horários do trem ou pelos constantes atrasos e interrupções da linha<sup>18</sup>, esses moradores dos subúrbios tratavam de se aproximar simbolicamente dos hábitos dos bairros elegantes, ainda que, na prática, experimentassem cotidianamente as dificuldades de uma vida marcada pela ausência de condições básicas de urbanização.

Nem por isso, no entanto, limitavam-se a reproduzir, para seus bairros, as mesmas imagens associadas à região central. Na contramão destes, os habitantes dos subúrbios passavam a valorizar também seus locais de moradia por critérios que os singularizavam frente aos bairros mais próximos do centro. É o que sugere, mais uma vez, o mesmo Lima Barreto, em crônica de 1915, na qual trata de sua experiência na “segunda classe dos nossos vagões de subúrbios”:

“As conversas de trem são quase sempre interessantes. A mania dos suburbanos é discutir o merecimento deste subúrbio em face daquele. Um morador de Riachuelo não pode admitir que se o confunda com um do Encantado e muito menos com qualquer do Engenho de Dentro. Os habitantes de Todos os Santos julgam a sua estação excelente por ser pacata e sossegada, mas os do Méier acusam os de Todos os Santos de irem para o seu bairro tirar-lhe o sossego”.<sup>19</sup>

O texto revela que ao defenderem as singularidades de cada bairro ou região, os moradores dos subúrbios afirmavam seus critérios de valorização da zona suburbana. No contraponto ao ritmo frenético, aos barulhos e crimes associados aos bairros centrais, os subúrbios aparecem representados como espaço da calma e da tranquilidade herdadas da vida rural. Não parece casual, nesse sentido, que Bilac terminasse sua crônica de 1908 com uma “prudente advertência” lançada aos mesmos subúrbios que, para sua alegria, estavam “libertando-se da dependência das lojas da rua do Ouvidor e dos teatros do Largo do Rocio”: “não corram muito, não amem demais o progresso – que nem todo o progresso é desejável...”<sup>20</sup>. Ao colocar os bairros suburbanos à margem da história, o cronista fazia da auto-imagem positiva projetada por muitos de seus moradores uma justificativa para perpetuar a distância que os afastava dos habitantes da zona central. Do ponto de vista destes, no entanto, a afirmação do valor de seus bairros frente à região central podia ter

---

<sup>18</sup> Conferir, a tal respeito, as constantes reclamações apresentadas nas colunas dedicadas aos subúrbios na grande imprensa. Sobre o atraso dos trens, ver, por exemplo, *O Paiz*, 17 de junho de 1890 – quando se noticia que “um acidente, felizmente de consequência sanável”, havia causado a interrupção “de todos os carros dos subúrbios”.

<sup>19</sup> *Careta*, 11 de dezembro de 1915.

<sup>20</sup> *Gazeta de Notícias*, 17 de maio de 1908.



sentidos muito diversos, ligados à tentativa de incluí-los na geografia simbólica da cidade. Os subúrbios, portanto, pareciam ser mais heterogêneos do que supunha o discurso da imprensa, técnicos e autoridades políticas da época.

Percebemos, assim, que longe da linearidade causal com que a história dos subúrbios cariocas é comumente traçada, só podemos compreendê-la a partir da sobreposição de imagens veiculadas sobre aqueles bairros e as experiências que ali tomavam corpo. Entre o bucolismo e o progresso, o urbano e o rural, os subúrbios abrigavam uma teia complexa de culturas urbanas e estilos de vida, em meio às quais se construía diferentes discursos sobre a região.

Um bom exemplo desta sobreposição de representações são as muitas visões, não raro antagônicas, sobre o papel do trem na transformação urbana da região. Se em 1894, por exemplo, um anúncio vendia “Dous bons chalets, solidamente construídos, com magnífico terreno arborizado e bond à porta, na estrada do Meyer”<sup>21</sup>, sete anos mais tarde o relato do engenheiro Morales de los Rios apresentava uma realidade bem diversa:

“Basta que subamos modestamente a um dos nossos *bondes*, que cheguemos até alguns dos nossos subúrbios, que atravessemos as ruas mais centraes da nossa Capital para o quadro que justifica a nossa natureza chlorotica se apresente à nossa vista nas faces emaciadas que apparecem nas rotulas, nas lamparinas a fumar no fundo obscuro das alcovas coevas do Reino Unido do Brasil e Portugal; no hálito das tascas em que se alimenta o pobre; nos outros em que se vendem legumes ao lado da pestillenta gallinha e de fructas fermentadas. Ide ao centro importantíssimo do Meyer, vêde aquellas vallas de águas fecaes a serpentear pelo meio das chácaras e das hortas, sob os assoalhos de madeira que desmanchão-se de podridão, sob o duplo impulso da acção dos gazes corrosivos e pestilentos e dos contactos humidos e cálidos daquelles escoadouros vergonhosos cujas ondas reflectem trementes as nossas feições como num *rietus satyrico*; ide a Cascadura e a Madureira e contemplae as irisadas e esverdeadas águas estagnadas que dormem paralelamente ao nosso gigante ferroviário, esse representante do nosso progresso em outros ramos da engenharia; vede-as seguir o rumo dos trilhos, essas vallas immundas, me que o quitandeiro ambulante lava as mãos com que mais longe distribue alimentos à freguesia, em que o peixeiro lava por sua vez os samburás já vazios e que à noite na sua tasca lhe servirão de cabeceira durante o somno; em que a creança desprevenida se envenena brincando com os barquinhos de papel; em que mariscão as aves do quintal; em que se lança as varreduras e os animaes mortos.”<sup>22</sup>

Os testemunhos revelam que os mesmos trilhos que no anúncio enaltecem a habitação suburbana, no relato de Morales de los Rios aparecem como vetores da desurbanidade, criando territórios vazios de índices mínimos de civilização.

Aquela sobreposição de imagens ganharia, nos anos seguintes, o perfil de uma verdadeira disputa simbólica. Em meio ao afã reformista das Reformas implementadas pelo prefeito Pereira Passos nos primeiros anos do século XX, os bairros suburbanos passavam a

<sup>21</sup> *Jornal do Commercio*, 17 de julho de 1894.

<sup>22</sup> *Revista do Club de Engenharia*, abril de 1901, nº 5, p. 36

estabelecer, pela imprensa, novos canais de comunicação de modo a se fazer ouvir pelas autoridades.

Assim, para melhor compreendermos as experiências e perspectivas dos habitantes desses subúrbios, de modo a fugir dos estereótipos lançados sobre a região por cronistas como Bilac, cabe pensar sobre o modo pelo qual eles teceram cotidianamente, em bairros diversos, suas experiências, práticas, estilos de vida e redes de sociabilidade – fosse nas praças públicas, nas estações de trem (que Lima Barreto definia em outra crônica como um importante “ponto de recreio, de encontro e conversa” de tais bairros)<sup>23</sup>, ou nos clubes e bailes que neles se proliferavam segundo o testemunho de Bilac.

### **Os subúrbios na imprensa**

Não é mero acaso que os primeiros anos do século XX tenham assistido a uma verdadeira proliferação de jornais voltados aos interesses da população suburbana do Rio de Janeiro. Como constata Cristiane Miyasaka, “tais jornais publicavam queixas referentes a melhorias nos serviços públicos, textos literários, sessões recreativas com jogos e charadas, reuniões de associações dançantes, anúncios de estabelecimentos comerciais, de profissionais e de venda ou aluguel de imóveis, felicitações de aniversário, notas de falecimento, entre outras informações” (Miyasaka, 2011:59).

Num momento em que a cidade passava a se repensar nos termos da tão anunciada remodelação urbana, os bairros dos subúrbios articulavam, através da imprensa local, discursos identitários capazes de dar corpo a uma *comunidade imaginada* (Anderson, 2008) cujas fronteiras se davam em termos territoriais mas, sobretudo, simbólicos. Num duplo movimento de aproximação e distanciamento com relação à região central, as folhas suburbanas enalteciam as peculiaridades da experiência local, ao mesmo tempo que clamavam pela igualdade com relação aos demais bairros perante os poderes públicos.

Em 1902, por exemplo, o *Progresso Suburbano* enaltecia a vida pacata dos arrabaldes do subúrbio:

“Eis, o que é a vida na cidade: incômodos, empurrões, furtos e desgostos, nos teatros, nos outros lugares de divertimentos não falamos, pois são tantos inconvenientes, que o nosso artigo não comporta enumerá-los. A vida nos subúrbios é mais tranquila, mais suave e talvez mais amorosa, poética e duradoura; tanto é que aplicarei aos subúrbios o que o nosso grande poeta dizia: ‘Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores.’”<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> *Gazeta de Notícias*, 6 de outubro de 1921.

<sup>24</sup> *Progresso suburbano*, 16 dez. 1902

Por outro lado, não faltavam aos leitores das folhas locais motivos para exaltar-se diante do descaso das autoridades públicas. Como clamava em 1907 *O Subúrbio*,

“Quem pode negar o florescimento destas zonas, que aqui se acham como escravas aos pés da cidade, beijando-os; dessas zonas que bastante têm contribuído também para que a capital possa erguer, cheia de orgulho, a sua frontearia de palácios, uma vez que seu sangue para o pagamento dos impostos com que ella sustenta o seu luxo de grande senhora (mas senhora ingrata e perversissima, que quer deixar morrer de fome e de vermina os seus vassalos) quem com segurança pôde dizer que a boa saúde, o vigor, o bem estar desses vassalos, não contribuiu bastante para que a cidade floresça e gose(sic) e se erga mais alto, ainda, do que se acha erguida? Como se os subúrbios não pertencessem à capital: e como se não fossem della um prolongamento !”.<sup>25</sup>

No mesmo sentido, no ano seguinte *O Santacruzense* bradava:

“A Prefeitura Municipal, esse monstruoso polvo que nos suga, só olha para o centro commercial da cidade e mais nada. O Rio de Janeiro é comparável a uma linda mulher sobre a qual Lauro Müller, Frontin e Passos, guiados por Rodrigues Alves, collocaram um manto de seda e pedrarias. Sim, temos as Avenidas Central, Beira-mar etc., mas em troca disso, temos os subúrbios, mendigando, porcos, sujos, sem água, sem iluminação, com as estradas e ruas mal conservadas pessimamente servidas por uma estrada de ferro immunda e sem igual no mundo. Cada subúrbio tem pedido um parque para divertimento dos seus moradores, é um pedido justo, a sua execução custa menos do que os banquetes e festas dadas por conta das verbas secretas etc.”<sup>28</sup>

A gestão urbana estava na ordem do dia, e os bairros suburbanos, foco do maior crescimento populacional do período, clamava por um lugar ao sol na nova configuração urbana que se delineava não apenas na cartografia da cidade, mas também no mapa do prestígio da capital da república. A esse respeito, como nos lembra Leandro Clímaco Mendonça, vários dos periódicos locais buscavam “demonstrar a capacidade intelectual de uma elite local, cujos hábitos não seriam distintos daqueles vivenciados pelas elites que representavam o projeto de ‘civilização’ existente na capital da República” (2011: 35).

Não por acaso, no mesmo período alguns dos grandes matutinos da cidade passaram a ter uma coluna regular dedicada aos temas suburbanos, nos quais as queixas direcionadas às autoridades municipais eram a tônica dominante. A crescente atenção dispensada pela grande imprensa aos bairros suburbanos não passava despercebida aos periódicos locais, que comemoravam a recém-adquirida visibilidade, a despeito do conteúdo com que seus arrabaldes passavam a figurar cidade afora:

---

<sup>25</sup> *O Subúrbio*, 10 ago.1907

“Com o progressivo aumento da população do Distrito Federal, com o grande desenvolvimento do nosso comércio, os subúrbios, outrora abandonados e desprezados, tornaram-se ultimamente procurados e conhecidos. Tudo tem aumentado nos subúrbios: a população, o comércio, a indústria. Tão grande é o desenvolvimento actual da zona suburbana que, quase todos os jornais diários, viram-se na necessidade de, no noticiário geral, acrescentar um suplemento consagrado unicamente aos subúrbios”.<sup>26</sup>

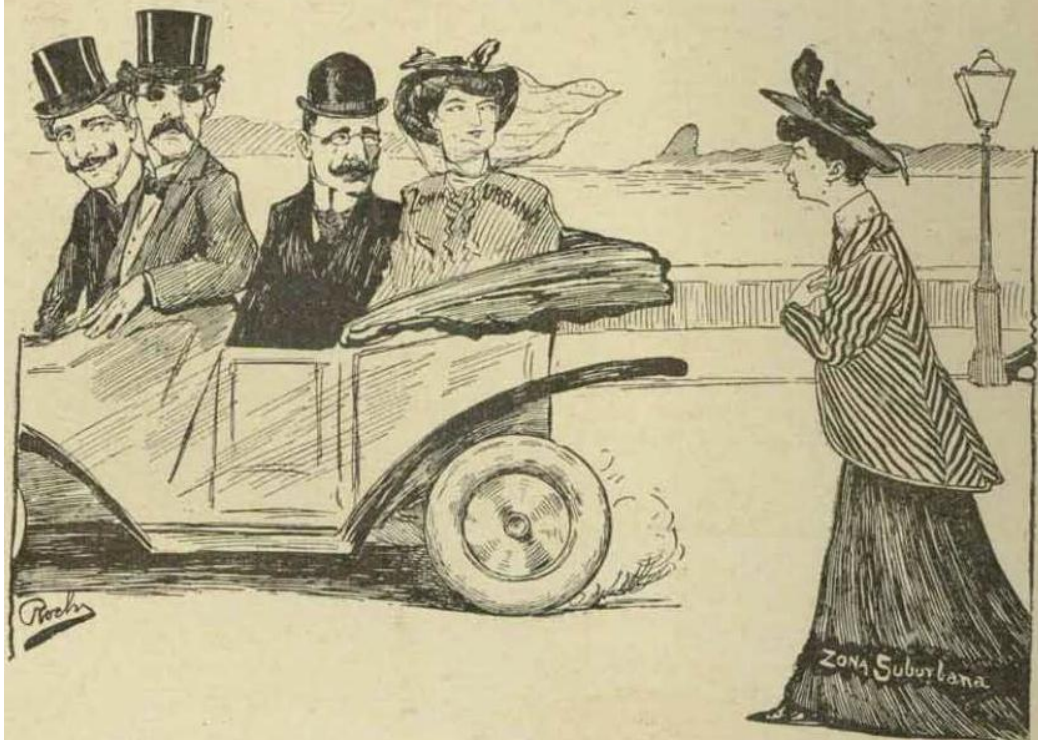
De fato não foram poucos os periódicos de grande circulação que passaram a dedicar espaço aos bairros suburbanos. Dentre eles estão *A Epocha* (que publicou a coluna “Nos subúrbios!” de forma intermitente ao longo de toda sua existência, entre 1912 e 1918); *Correio da Manhã* (que teve, entre 1901 e 1910, diferentes colunas dedicadas aos subúrbios); *O Paiz* (cuja coluna “Nos subúrbios” foi publicada ao longo de todo o ano de 1906); *Revista da Semana* (que publicou, em 1909, uma série de matérias ilustradas sobre diferentes bairros suburbanos); *Gazeta de Notícias* (que teve seção dedicada exclusivamente aos subúrbios entre 1905 e 1906); *Jornal do Brasil* (que publicou “O subúrbio” entre 1908 e 1910) e *O Século* (cuja coluna “O subúrbio” saiu regularmente durante o ano de 1909).

Além das colunas regulares, a presença constante de reportagens sobre a zona suburbana nas revistas ilustradas demonstra que a atenção ao tema não se restringia aos moradores da região. Mediadoras de saberes, práticas sociais e linguagens, tais publicações conquistaram grande popularidade ao combinar notícias, reflexão e entretenimento associados a um forte investimento estético (Oliveira *et alii*, 2010:12). Divulgando eventos de clubes recreativos, cobrindo os festejos de Momo e denunciando, com humor, as mazelas daquela zona, as revistas ilustradas inseriam os bairros suburbanos no novo mapa da capital, construindo junto aos seus leitores um conjunto nem sempre coeso de representações sobre a região. A charge abaixo, de 1908, é paradigmática:

---

<sup>26</sup> *Gazeta Suburbana*, 08 set 1910

PELOS SUBURBIOS : « CLAMA NE CESSÉS ! »



*Zona Urbana* :—Tira o cavallo da chuva, menina ! Tu lá te podes egualar a mim ?...  
Vê a figura ratona que andas fazendo por aqui...  
*Zona Suburbana* :—Não foi isso que disse o Bilac : até me achou bem bonita... Só o  
que me falta é hygiene, policia e prefeitura... São esses coiós que ahí tens...  
*Oswaldo Cruz, Alfredo Pinto e Souza Aguiar* :—Coiós... vá ella ! Somos os protecto-  
res do Rio de Janeiro...  
*Suburbana* :—Perdão ! Como os senhores nunca apparecem por lá, não os conheço  
como taes...

*O Malho*, 9 de maio de 1908

Dialogando com as impressões de sobre os subúrbios, a charge condensa bem a negociação que se dava entre os planos político e simbólico acerca daquela região na época das grandes reformas. No carro, representantes do poder público deixam claro que aquela zona não deveria almejar igualdade com a região central, enquanto a zona suburbana alude ao fato de ter sido recentemente valorizada pela pena de um dos mais conhecidos cronistas de então. Não é fortuito ainda o cenário em que se desenvolve a cena: a Avenida Beira-Mar, símbolo das reformas Pereira Passos, e que materializou o rumo dos investimentos públicos rumo à zona sul da cidade.

As colunas regulares publicadas nos jornais, por sua vez, tinham como foco os problemas crônicos de higiene, policiamento, transporte e falta d'água que atormentavam o cotidiano dos moradores dos subúrbios. Com tom de denúncia, os periódicos buscavam sensibilizar a população para as mazelas daquela zona, contribuindo sobremaneira para sua associação ao signo da precariedade. Ainda que dividindo as colunas por bairros, os jornais reuniam a grande unidade “subúrbios” sob um mesmo campo de questões, num processo de homogeneização simbólica daquela zona.

Por tais motivos, chama atenção uma série publicada em 1909 na *Revista da Semana*, a “Vida suburbana”, a ser tratada a seguir.

### **Vida suburbana**

Em janeiro de 1909, os leitores da *Revista da Semana* foram surpreendidos com uma reportagem pouco comum à pauta daquela publicação: uma matéria de duas páginas, fartamente ilustrada, sobre o bairro de Cascadura. Sob o título de “Vida suburbana”, a revista discorre ali sobre a história do arrabalde, exaltando glórias de seu passado como “ante-sala da capital federal para quem chegava de Minas Gerais ou São Paulo”<sup>27</sup>. O texto destaca os pontos mais importantes do bairro, valorizando o potencial da localidade, mas também pontuando as carências de sua população com relação ao investimento público. Na mesma reportagem o leitor é informado de que a revista dali em diante dedicará uma matéria a cada um dos bairros da zona suburbana.

Na edição seguinte, o Méier, a “capital dos subúrbios”, é apresentado aos leitores. Valorizando o comércio local, a revista destaca o desenvolvimento do bairro, afirmando que, em algumas localidades, chega a se parecer com Botafogo ou Vila Isabel. Na edição seguinte, o Engenho Novo é valorizado por seu passado aristocrático, com atenção aos palacetes que pontuam as ruas do bairro; Dr. Frontin, por sua vez, é apresentada como lócus

---

<sup>27</sup> *Revista da semana*, 24 jan 1909

do abandono, com seus grandes descampados e ausência de serviços públicos; Todos os santos aparece como lugar pitoresco, o mais sossegado dos subúrbios; Richuelo é louvado por seu “adiantamento de foro aristocrático”<sup>28</sup>, ainda que tenha importantes ruas não calçadas; São Francisco Xavier é apresentado como bairro bem servido de comércio e escolas; Engenho de Dentro como polo de injustiças do poder público, que não atende devidamente aos seus 40 mil moradores, assim como Piedade; Encantado aparece como lugar de futuro; Mangueira como “Petrópolis dos pobres”; Bonsucesso como “a princesa do norte”<sup>29</sup>.

Após apresentar por cinco meses a história e o perfil de bairros dos subúrbios, a série continua até o final de 1909, tratando de questões gerais daquela zona da cidade. São abordados temas como educação e segurança, numa proposta que vai além da mera denúncia. Ali, os subúrbios ganham imagens, rostos, nomes e causas próprias. Ainda que partindo da premissa da “vida suburbana”, a série da *Revista da Semana* investia numa perspectiva des-homogeneizante, procurando mostrar aos leitores a complexidade urbana e social dos bairros daquela região.

É importante lembrar que, de propriedade do *Jornal do Brasil*, a *Revista da semana* compunha um projeto editorial ligado aos interesses populares, postura que lhe rendeu, na primeira década do século XX, a alcunha de “o popularíssimo”. A seção “Queixas do povo”, publicada ao longo de toda década de 1910<sup>30</sup> confirmava tal vocação, atuando como mediadora entre as camadas mais pobres da população e o poder público ao reproduzir as reclamações relativas aos serviços urbanos. Vemos, assim, que na contramão das colunas publicadas na grande imprensa, o *Jornal do Brasil* buscava firmar sua identidade com as camadas populares vendo na zona suburbana um foco importante de atuação editorial. Progressivamente habitados por trabalhadores, os bairros do subúrbio passavam a ser estratégicos na construção do projeto do “popularíssimo”.

Anunciada como parte de um projeto de apoio à zona suburbana, a série não é, portanto, um fato isolado. Ainda em 1909, o *Jornal do Brasil* lançaria uma série de concursos, clamando seus leitores a elegerem a melhor casa comercial e o melhor clube recreativo dos subúrbios. Nota-se, deste modo, o investimento editorial de uma das folhas de maior circulação da capital nos bairros suburbanos, num movimento que nos permite refletir sobre a importância daquela zona a despeito de seu abandono por parte dos poderes públicos. Não por acaso, em 1 de maio de 1910, a *Revista da Semana* anunciava a instalação de uma agência do *Jornal do Brasil* no Engenho de Dentro, de modo a se

---

<sup>28</sup> *Revista da semana*, 21 mar 1909

<sup>29</sup> *Revista da semana*, 11 jul 1909

<sup>30</sup> Cf. Eduardo Silva, *As queixas do povo*. Paz e Terra, 1988.

aproximar dos moradores suburbanos e poder coletar *in loco* as queixas e demandas daquela população.

A partir dos registros deixados na série “vida suburbana” podemos avançar numa análise daqueles bairros de modo a refletir não sobre sua suposta homogeneidade urbana e cultural, mas sim sobre a complexidade e as negociações em curso naquela parcela da cidade. É nesse sentido que podemos pensar sobre a construção dos discursos sobre os bairros suburbanos pela imprensa nos termos de uma “produção de localidade”. Segundo Appadurai (1996), mais que uma referência geográfica, a “localidade” deve ser entendida como um aspecto fenomenológico da vida social, constituído simultaneamente por práticas materiais e por uma “estrutura de sentimento” que dá sentido a práticas sociais situadas e cotidianas. Segundo o autor, a ideia de localidade deve, portanto, ser tomada como resultado dos processos de construção e reprodução (material e subjetiva) de sentidos e contextos locais. Representação e vivências específicos de localidades devem ser concebidas como determinadas por contextos e produtoras de contextos, pois é no processo mesmo de reprodução da “comunidade” que contingências e a imaginação potencializam a mudança histórica.

Assim, mais que uma comunidade marcada por uma delimitação territorial clara, os subúrbios cariocas foram, ao longo da década de 1900, sendo produzidos como um conjunto de práticas materiais e simbólicas que lhe davam sentido em meio ao conjunto da cidade. Mais que atentar ao discurso hegemônico sobre a *des-urbanidade* que supostamente os unia, importa refletir sobre as culturas urbanas que ali se construía, pensando sobre como as formas de interação e de experimentação da urbes ganhavam ali cores locais. Sem constituir uma unidade *de fato*, os subúrbios emergiam perante a capital como foco de discursos e práticas próprios, mas cujo sentido só é plenamente compreendido se inserido no contexto mais amplo das transformações então em curso na cidade.

Ainda nesse sentido, é válido pensarmos sobre o processo de naturalização do subúrbio como uma “região” da cidade, com características próprias que a justificam como realidade destacada do todo urbano. De acordo com Pierre Bourdieu,

“a procura de critérios ‘objetivos’ de identidade ‘regional’(...) não deve fazer esquecer que, na prática social, esses critérios (...) são objeto de representações mentais, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objetais, em coisas (...) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e de seus portadores”. (1998: 112).



Desta forma, uma análise das categorias com os subúrbios do Rio de Janeiro eram apresentados pela imprensa só pode ser levada adiante com o pressuposto de “incluir no real a representação do real”, interpretando tais estratégias discursivas (e suas práticas gerativas) dentro do campo das disputas simbólicas. Afinal, ainda conforme Bourdieu, o que está em jogo na naturalização daquelas características regionais

“é o poder de impor uma visão de mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da identidade e da unidade do grupo” (Idem:113).

É importante, assim, refletir sobre as categorias de valorização e de depreciação dos bairros suburbanos, de modo a compreender quais as disputas em jogo na criação simbólica do “subúrbio”, no singular, num período de clara redefinição dos parâmetros de urbanidade da então capital da República.

Vemos, portanto, que as representações veiculadas nos órgãos da grande imprensa nos permitem um exercício de reflexão sobre os subúrbios *na* cidade. Ou seja, rejeitando uma perspectiva insular, que em muitos trabalhos apresentam os subúrbios como uma realidade à parte, proponho pensar aqueles bairros como parte de uma dinâmica de fluxos humanos e também culturais, de modo que refletir sobre o processo de constituição dos subúrbios seja uma forma de pensar sobre o Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX.

## **Bibliografia**

- ABREU, Mauricio de A. *Evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2006.
- ABREU, Maurício de Almeida. “A Periferia de Ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930)”. *Espaço e Debates*, nº 21-1987. São Paulo: USP, p.12-38.
- ANDREATTA, V. *Cidades quadradas, Paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- APPADURAI, Arjun. *Modernity At Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- BELCHIOR, Pedro. “Tristes subúrbios. Literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto”, Dissertação de Mestrado em História, UFF, Niterói, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRASIL GERSON, *História das Ruas do Rio*, 5a. Ed., Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.
- BRETAS, M. L. *A guerra das ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- FERNANDES, Nelson da Nobrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- FERNANDEZ, A. C. F. “Assim é o meu subúrbio: o projeto de dignificação dos subúrbios entre as camadas médias suburbanas de 1948 a 1957”. 1995. 284f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- FRACCARO, Gláucia Cristina Candian. “Morigerados e revoltados. Trabalho e organização de ferroviários da Central do Brasil e da Leopoldina (1889-1920)”. Dissertação de Mestrado, Unicamp: Campinas, 2008.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2002.
- MATTOS, R. C. *Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República*. Niterói. 320f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- MENDONÇA, Leandro Clímaco. “Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920”. Dissertação de Mestrado. Niterói: PPGH-UFF, 2011.

- MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: Desclassificados da modernidade: protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- MIYASAKA, Cristiane. *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura / Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011
- OLIVEIRA, Claudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta; e LINS, Vera. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1920*. Rio de Janeiro, Garamond, 2010
- OLIVEIRA, Márcio P. FERNANDES, Nelson da N. (orgs). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj/EdUFF, 2010
- OLIVEIRA, Luciana da Cunha. *A fiação de um bairro: a Fábrica Bangu e o seu projeto social (1930-1945)*. Niterói, mestrado, História, 2006.
- PECHMAN, R. M. *Gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. 1985. 320f. Dissertação (Mestrado), Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- PEREIRA, Leonardo. “The Flower of the Union: Leisure, Race, and Social Identity in Bangu, Rio de Janeiro (1904-1933)”. *Journal of Social History*, 2012.
- REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos: evolução urbanística da cidade*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1977. *Revista do Club de Engenharia*, abril de 1901, nº 5.
- SANTOS, Joaquim J. Moura dos. “Contribuição ao estudo da história do subúrbio do Rio de Janeiro: a freguesia de Inhaúma (1743 a 1920)”. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1987.
- SANTOS, Joaquim J. Moura dos. “De freguesias rurais a subúrbio: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro”. Tese de Doutorado em História Social, USP, 1996.